

FRASEOLOGISMOS EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: ILUSTRAÇÃO DOS PROCESSOS DE COMPREENSÃO

IAN GILL DE MELLO¹; ALESSANDRA BALDO²

¹ Universidade Federal de Pelotas- iangmello@live.com

² Universidade Federal de Pelotas – alessabaldo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que, com a aprendizagem de uma nova língua, surge o interesse em utilizar as construções modernas e recorrentes, a entonação, os gestos, e as palavras comuns do dia a dia dessa língua. O aprendiz deseja compreender e fazer uso das gírias e das expressões idiomáticas (Els). Deseja sobretudo entrar em contato com essa cultura estrangeira. E é principalmente na área cultural que encontramos as expressões idiomáticas. Entender e utilizar essas construções faz com que o aprendiz se sinta em contato direto com esse novo mundo.

Dado esse contexto, esse trabalho tem como objetivo entender os processos cognitivos utilizados pelos aprendizes de português como língua adicional (LA) para a compreensão de Els nessa língua. A pesquisa objetiva verificar os processos cognitivos empregados na compreensão das Els na língua-alvo tanto quando essas são apresentadas de forma descontextualizada como quando em um contexto específico.

Para tanto, foram analisados dados obtidos por meio de entrevistas com cinco estrangeiros, tendo como base teórica autores como Polónia (2009), Gibbs (1994) e Saberian e Fotovatnia (2011)

2. METODOLOGIA

A fim de ser possível responder às questões colocadas pelo estudo, descritas na Introdução, foram selecionados cinco alunos matriculados no Nível I do curso de Português para Estrangeiros da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2013 e 2014.

Para a obtenção dos dados, foram selecionadas dez expressões idiomáticas com as palavras mãos, pés e dedos, com o objetivo de manter uma relação semântica entre elas. As expressões selecionadas foram: passar a mão na cabeça, estar com as mãos atadas, meter os pés pelas mãos, ficar cheio de dedos, dar a mão à palmatória, ganhar/dar de mão beijada, ficar no pé, ter mão leve, ser uma mão na roda.

Além da escolha das Els, foram selecionados textos da internet que as contemplassem. Os textos são todos autênticos, mas a maioria deles foi editada.

A coleta de dados se deu em sessões individuais, por meio de protocolos verbais de pausa e retrospectivos, que consistem em solicitar que o sujeito verbalize

o que está pensando no momento em que busca realizar a tarefa solicitada (protocolo de pausa), e logo após tê-la realizado (protocolo retrospectivo), possibilitando assim que o pesquisador obtenha informações sobre os processos cognitivos por ele empregados (ERICSON e SIMON, 1993; CAMPS, 2003). Todas as verbalizações foram gravadas em áudio, e os dados, posteriormente transcritos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

EIS DESCONTEXTUALIZADAS

A análise geral dos dados mostrou que os sujeitos, quando analisam as expressões fora de contexto, fazem uso, na grande maioria das vezes, de três estratégias cognitivas, como se pode visualizar na Tabela 1.

Tabela 1: Uso de Estratégias das EIs Descontextualizadas

<i>Estratégias cognitivas</i>	<i>Ocorrência estratérgia</i>	<i>Percentual</i>
Analogias de natureza variada	20	40%
Relação entre EIs na L1 e L2	9	18%
Conhecimentos prévios – da L1, L2 ou gerais	7	14%

O número de desistências corresponde a 10 – 20% do total. E os outros 8% são de estratégias variadas.

A seguir apresentamos exemplos, retirados de trechos de protocolos verbais, de cada uma dessas estratégias.

1) EI: Sem pé nem cabeça – Analogias de natureza variada:

“Não conheço essa expressão, mas pelo que eu entendo, o cara não tem tempo nem cabeça pra pensar, é... pode ser isso né? Uma pessoa muito ocupada.

E: Muito ocupada? Aham, pé nem cabeça pra...

Aham, estar parado, né, estar ficando, né. Mas esse pé está relacionado a ficar?

E: Não sei, é a tua ideia, né, o que tu pensou. Tu me disse que era uma pessoa muito ocupada, que não tinha...

É, uma pessoa muito ocupada, né, não tem tempo nem pra pensar, uma pessoa que está fazendo... fazendo, né.

E: Ta, eu entendi, não tem cabeça pra pensar, mas e o pé? Ficaria aonde? Não ter pé pra ficar sentado, tu disse algo assim, né?

Eu entendo assim: uma pessoa que está muito ocupada, porque está trabalhando, ta trabalhando pensando, ou trabalhando também fisicamente, então não dá tempo nem para pensar nem para estar ficando, né...

E: Ficar de pé?

Sim, porque se ficar de pé estaria livre...”

2) EI: Ter/Estar com as mãos atadas – Relação entre EIs na L1 e L2:

“Isso sim, tem em inglês a mesma expressão, nunca tinha escutado em português, mas... agora lendo, tem a mesma expressão ‘i have my hands tied’, significa que não pode fazer nada, se é o mesmo sentido.

E: Tu não sabe?

Eu não sei, nunca escutei, mas no inglês tem esse sentido de: ‘não posso fazer nada, tenho, eu tô com as mãos atadas, não tem o que fazer’.”

No primeiro exemplo da primeira estratégia, temos uma confirmação dos achados do estudo de Nelson (1992 apud Saberian e Fotovatnia 2011, p. 2), o qual concluiu que, ao se deparar com uma expressão desconhecida, o sujeito ignora o significado literal das palavras que a formam e seu primeiro procedimento é inferir a partir do possível significado figurativo.

Com relação ao segundo exemplo, da segunda estratégia, podemos perceber que, como Yoshikawa (2008 apud Saberian e Fotovatnia 2011, p. 4) e Saberian (2011, p. 4) já afirmaram, quando a EI é transparente ao sujeito ou quando existe um equivalente perfeito em sua L1, a atenção voltada à expressão será mínima e é provável que o aprendiz faça relação entre elas.

No caso dos falantes do espanhol, a relação entre EIs nas duas línguas foi a estratégia mais utilizada. Como Polónia (2009) afirma, quando existe uma aproximação maior entre culturas e línguas, tanto as relações entre EIs quanto a interpretação das mesmas se torna mais fácil.

EIS CONTEXTUALIZADAS

A análise dos dados mostrou que, quando o objeto de estudo são as EIs contextualizadas, os aprendizes fazem uso de apenas duas estratégias cognitivas, conforme Tabela 3.

Tabela 3: Uso das Estratégias das EIs Contextualizadas

<i>Estratégias cognitivas</i>	<i>Ocorrência estratégia</i>	<i>Percentual</i>
Utilização de dados micro/macro textuais	45	90%
Relação entre EIs na L1 e L2	5	10%

Seguem dois exemplos de cada uma dessas estratégias, a título de ilustração e análise.

1) EI: Ficar cheio de dedos – Utilização de dados micro/macro textuais:

Agora eu acho que o texto desse confirmou o que eu achava, porque não tem nada a ver com ser... nada a ver com “clumsy” fisicamente. Agora eu fico na dúvida se no texto ta dizendo que queria ou não queria falar... tipo, eu acho que como diz que não queria melindrar amigos... eu não tenho certeza do que significa melindrar mas eu acho que aqui não tava querendo falar mal das pessoas que fizeram a reforma porque conhecem as pessoas... então, talvez, “cheio de dedos” quer dizer meio cauteloso, não tava ansioso para falar...

E: E essa ideia foi basicamente pela leitura? Pelo contexto né?

Sim, porque antes não fazia ideia.

2) EI: Meter os pés pelas mãos – Relação entre Els na L1 e L2:

Aqui nunca escutei essa expressão, acho que, tratar de, tem uma expressão em espanhol que acho que é parecida, “passar gato por lebre”, que é tratar de, querer passar certa coisa dizendo que é outra, convencer de que seria outra coisa, eu acho, né.

E: Sim, e a relação que tu fez foi com essa outra expressão?

Isso! “Passar gato por lebre”.

No primeiro exemplo da primeira estratégia, seguindo o pensamento de Polónia (2009), podemos perceber que, tendo um pequeno texto como apoio, o sujeito consegue ter mais clareza quanto à situação e ao meio cultural em que uma EI pode ser usada. A partir disso, o sujeito tem uma base significativa para inferir o significado da expressão.

No segundo exemplo, da segunda estratégia, temos um sujeito latino-americano, ou seja, ele possui tanto a cultura quanto a língua relativamente próximas da nossa. Ele nunca havia ouvido a expressão, mas nesse caso, o possível significado figurativo de “meter os pés pelas mãos” o fez relacionar com uma expressão idiomática do espanhol. Seguindo as ideias de Nelson (op. cit.), ele primeiro pensa no possível significado figurativo da expressão, deixando de lado o literal.

4. CONCLUSÕES

Foi possível perceber a significativa dificuldade dos sujeitos com relação aos diversos aspectos que interferem na inferência apropriada das Els. É importante ressaltar a unicidade das Els, notar que cada fraseologismo representou um desafio diferente para cada sujeito e o quanto o contexto foi uma ferramenta de extrema importância no processo de inferência do significado dessas expressões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPS, Joaquim. Concurrent and retrospective verbal protocols as tools to better understand the role of attention in second language tasks. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 13, n. 2, p. 201-221, 2003.
- ERICSON, K.Anders; SIMON, Herbert. Protocol analysis: verbal report as data. *MIT Press*, Cambridge, MA, 1993.
- GIBBS, Raymond. *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*. Cambridge: *Cambridge University Press*, 1994.
- LIONTAS, J. I. Context and idiom understanding in second languages. *EUROSLA Yearbook*, 2, 155-185, 2002.
- POLÓNIA, Cecília Paula Faria Morais. As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: Uma experiência metodológica. 119 p. *Dissertação* – Universidade do Porto, Porto, 2009.
- SABERIAN, Noorolhoda; FOTOVATNIA, Zahra. Idiom Taxonomies and Idiom Comprehension: Implications for English Teachers. *Theory and Practice in Language Studies*, Vol. 1, No. 9, 2011, pp. 1231-1235, 2011.
- YOSHIKAWA, H. International intelligibility in world Englishes: focusing on idiomatic expressions. *International Communication Studies*, XVII (4), 219-226, 2008.